

OS ATORES POLÍTICOS NA COBERTURA DO “O ESTADO DE S. PAULO” PARA AS ELEIÇÕES 2018

Mara Karina Silva e Ébida Santos

Resumo:

Este artigo tem como objetivo verificar o enquadramento (Entman 1991; 1993 e 2004) de fontes e personagens noticiados pelo jornal O Estado de S. Paulo durante as Eleições 2018, período que compreende entre 4 de agosto e 24 de outubro. Foram elencadas as notícias cujas manchetes estiveram estampadas na capa do jornal e a partir disso deu-se a análise. Verificamos quais foram os personagens destacados em cada edição e quais deles tornaram-se fontes. Os dados levaram a outros cruzamentos que permitiram verificar, por exemplo, quais os personagens apareceram mais e em que tipo de manchete. Entre os personagens e também entre as fontes houve uma presença superior de Jair Bolsonaro (PSL), seguido por Fernando Haddad (PT).

Palavras-Chave: Personagens. Eleições 2018. O Estado de S. Paulo.

Abstract: This article aims to verify the frame (Entman 1991, 1993 and 2004) of sources and characters reported by the newspaper O Estado de S. Paulo during the 2018 Elections, between August 4 and October 24. The news items whose headlines were stamped on the cover of the newspaper were listed and analysed. We checked which characters were featured in each edition and which of them became sources. The data led to other crossings that allowed us to verify, for example, which characters appeared the most and in what type of headline. Between the characters and also between the sources there was a superior presence of Jair Bolsonaro (PSL), followed by Fernando Haddad (PT).

Keywords: Characters. Elections 2018. O Estado de S. Paulo.

Introdução

As Eleições de 2018 consolidaram a realização de campanhas políticas focadas na disseminação de informações pelas redes sociais digitais. Ainda que o fenômeno tenha ganhado a atenção do campo político, da mídia, do público e da academia nos anos anteriores, em 2018 os perfis e páginas de políticos nesses espaços passaram a abrigar as principais ações de marketing político e eleitoral.

Desse cenário, vê-se a necessidade de que o jornalismo político estabeleça uma nova dinâmica para a produção das notícias sobre o campo. Isso porque o jornalismo político foi impactado pelo clima de desconfiança na política e na imprensa, provocado por um contexto pós-democrático (TATAGIBA, 2018) e permeado por constantes ataques ao sistema político e de mídia impetrados pela emergência de arenas políticas de direita e extrema-direita (MENDONÇA, 2018).

Esses movimentos se organizaram, principalmente, nas redes sociais digitais, a partir do contexto das jornadas de junho de 2013, com atuação intensa durante as Eleições 2014, e posteriormente no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff (ALVES, 2017), além das Eleições 2018.

Entretanto, guardando as características do jornalismo como instituição política e seu papel para a conformação da realidade social, como um pilar da democracia representativa (COOK, 2011; NEVEU; KUHN, 2004; BIROLI 2010, et al.), a imprensa tradicional seguiu responsável por realizar, além da cobertura regular dos fatos no período eleitoral, a consolidação em seus noticiários dos discursos dos candidatos, proferidos em canais próprios nas redes sociais digitais, produzindo assim as narrativas sobre o cenário político brasileiro (GUAZINA; MOTA, 2010; PRIOR, 2015) durante uma das eleições mais surpreendentes desde a redemocratização do país.

Desta forma, a partir dessas considerações, pretende-se investigar a acomodação dos atores políticos da disputa presidencial na cobertura da versão impressa do jornal O Estado de S. Paulo para as Eleições 2018.

1 Jornalismo, democracia e política

O jornalismo político pode ser caracterizado como aquele responsável por noticiar os acontecimentos ligados a *Pólis* (BOBBIO, 1998), ou seja, cobrindo as atividades do Estado. Entre essas atividades estão os processos eleitorais quando ocorridos em pleitos democráticos, em países em que vigora a democracia.

Por democracia, entende-se um sistema político-social no qual ao menos duas premissas sejam respeitadas: o povo decide de maneira soberana sobre aspectos políticos; e existe um sistema político no qual cidadãos votam e elegem seus representantes periodicamente. Para além disso, um Estado Democrático respeita as liberdades individuais, de opinião e de expressão, a igualdade de direitos e deveria fornecer a possibilidade de povos e partidos políticos se manifestarem sobre todas as decisões de interesse geral.

Neste aspecto, o Brasil experimenta seu maior período democrático desde a Constituição Cidadã de 1988. Os brasileiros elegeram, em 2018, seu quinto presidente desde o fim da ditadura militar. Esses 31 anos passaram-se com algumas intercorrências que abalaram as estruturas políticas do país, a exemplo dos

processos de deposição de Fernando Collor (1992) e de Dilma Rousseff (2016) e a contínua crise ocasionada pelas inúmeras denúncias e escândalos de corrupção iniciados em 2006, com o Mensalão do PT, e que se segue hoje especialmente com ações midiáticas da Operação Lava Jato. Escândalos que tomaram proporções gigantescas pela visibilidade midiática como demonstra a crítica de Silva (2018) ao analisar a cobertura das revistas *Veja* e *Carta Capital* sobre a delação dos executivos da empreiteira Odebrecht.

Para que a cobertura política aconteça faz-se necessário que democracia e jornalismo adaptem-se um ao outro, como defende Lattman-Weltman (2003), e que o jornalismo cumpra seu papel de fiscal dos governos e guardião dos interesses dos cidadãos. Além disso, cabe ao jornalismo propor agendas públicas (SOARES, 2006). Entretanto, a configuração das eleições de 2018 trazem um contexto de dúvidas de parte da população em relação ao jornalismo, o que também se reflete na democracia.

Em 2010 Moisés relatava que os brasileiros preferem a democracia como forma de governo, contudo, explica que esse fenômeno é relativamente novo e apresenta fragilidades. Em 2013, em novo estudo, Moisés e Meneghelo, demonstram que apesar de preferir a democracia, os brasileiros desconfiam das instituições democráticas em geral, e em especial dos partidos políticos, do Congresso Nacional e do sistema judiciário. Ou seja, três elementos centrais para a democracia não detém a confiança do público.

À confiança que falta às instituições políticas e judiciárias dirige-se às igrejas e às Forças Armadas - esta última guardiã do período ditatorial no Brasil, mas reconhecida como uma instituição baseada na lei e na ordem.

A mídia, nesse pacote, aparece entre as condições mínimas para que haja a manutenção de um regime democrático, especialmente no que tange ao acesso a fontes alternativas de informação a respeito das ações governamentais, mas também de aspectos gerais da política, como destaca Moisés (2010).

O que foge ao papel central exercido pela mídia tradicional nos processos eleitorais até 2014 é o protagonismo das redes sociais, marcadas pela ampla difusão de notícias falsas, que ganhou escala até então incomum. Esse protagonismo relegou ao jornalismo a função de desmentir boatos, checar informações e conflitar

com “instituições invisíveis” ou sites com conteúdos falsos produzidos propositalmente.

O embate gerou uma onda reversa de acusação à mídia tradicional, especialmente aos grandes jornais de circulação nacional, como Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e o Globo, de ser a difusora de notícias falsas, instituindo-se uma guerra de versões.

O discurso das mídias tradicionais voltou-se então para a importância da imprensa livre para a democracia. Um dos exemplos é o *slogan* adotado pela Folha de S. Paulo em sua campanha por assinaturas: “sem liberdade de imprensa não tem democracia” (online, s/p, 2019). Outro exemplo é a instituição do “Estadão verifica” proposto pelo Estado de S. Paulo para checar boatos recebidos pelos leitores através de aplicativos de mensagem.

Entretanto, apesar do discurso polido da mídia em relação a sua importância para a democracia, a cobertura jornalística efetuada pelos jornais brasileiros não raro é alvo de críticas pelos estudiosos da área. Um dos casos, conforme já citamos, trata da cobertura de escândalos de corrupção. Júnior e Sassara (2016) apresentam dados da pesquisa da Latinobarômetro dizendo que o Brasil foi o único país em que a corrupção apareceu como o maior problema, para 22% dos entrevistados. Essa percepção está atrelada principalmente aos escândalos já citados, Mensalão e Lava Jato. É natural que com a volta da democracia ao país, o tema da corrupção retornasse ao noticiário. Entretanto, a mídia aparece em alguns processos políticos como partidária, a exemplo da edição do debate de pela TV Globo, em 1989, em prol de Fernando Collor, que em seguida foi alvo de amplas denúncias de corrupção, que levaram a sua renúncia.

De acordo com Júnior e Sassara (2016), tanto nas eleições de 2010 quanto nas eleições de 2014, a cobertura midiática centrou-se em escândalos de corrupção, sendo predominante no penúltimo pleito os escândalos relacionados ao mau uso do dinheiro público. Os autores apontam ainda a existência de viés político na cobertura praticada pelos jornais brasileiros.

Entre os dados que comprovam tal afirmação estão os do Manchetômetro expondo que o tratamento dado a Alckmin nos jornais paulistas, Folha e Estado, “é bem mais brando do que aquele dado a Dilma. Ou seja, o PSDB está no governo do

estado de São Paulo há décadas, mas os grandes jornais não parecem dispostos a exercer o papel de vigília sobre sua administração da mesma forma como exploram os escândalos petistas” (2016, p. 223). Assim, Júnior e Sassara concluem que “A escandalização da política combinada ao extremo viés político, detectados neste estudo, revelam uma grave deficiência do funcionamento da democracia brasileira contemporânea, a despeito dos progressos institucionais conquistados desde seu retorno na década de 1980” (2016, p. 224).

2 Metodologia: o enquadramento e a disposição dos atores políticos nas notícias sobre a corrida presidencial

A proposta desta investigação é analisar a incidência dos atores políticos envolvidos na disputa presidencial nas notícias produzidas pelo jornal O Estado de São Paulo para a cobertura do primeiro e do segundo turno das Eleições 2018. A investigação desses personagens se dá por meio da aplicação da metodologia de análise de enquadramento de Robert Entman, defensor de que os quadros noticiosos são construídos também a partir das fontes e personagens destacados para contar o fato político. Focamos, portanto, nesse aspecto de seleção de personagens e fontes. Observamos que, nesta pesquisa, compreendem-se como atores políticos pessoas e instituições públicas ou privadas que estão distribuídas nas notícias como fontes ou citadas para contextualização dos fatos narrados.

O conceito de enquadramento tem desenvolvimento amplo em diversos campos das ciências sociais. Para este estudo, utilizamos como conceito âncora a proposição de Goffman (1974), que explica como os enquadramentos são construídos pelos produtores da informação de forma a orientar a compreensão social sobre determinado assunto, avaliando-os como:

[...] marcos interpretativos construídos socialmente, que permitem às pessoas atribuírem sentido aos acontecimentos e às situações sociais, basicamente, respondendo à pergunta: “O que está acontecendo aqui”? Ou seja, trata-se de um processo de definição de situação, implicando construção de sentido para os eventos cotidianos (GOFFMAN, 1974 apud SOARES, 2006, p. 3).

A compreensão da existência de enquadramentos organizando os acontecimentos do mundo, bem como suas possíveis interpretações para a mídia e, conseqüentemente, balizando a compreensão social, faz parte também das análises de Gitlin (1980). De acordo com o teórico, a seleção, a ênfase, a inclusão e a exclusão de informações na notícia são passos dados pelos jornalistas para conduzir o público a uma determinada interpretação dos fatos.

Robert Entman aprofunda, no início da década de 1990, o emprego da análise de enquadramento aos estudos da comunicação. Entman propôs que a análise de enquadramento torna possível compreender o “poder do texto comunicativo”, pois a “análise dos enquadres ilumina a precisão na qual a influência sobre a consciência humana é exercida pela transferência (ou comunicação) de informações de um local - como a fala, o enunciado, no noticiário ou na novela” (ENTMAN, 1993, p. 51).

Em estudos seguintes, Entman sugere que nas notícias o enquadramento opera na audiência no nível mental, responsável por estimular a forma como ela processa as informações recebidas, e como uma das características do texto noticioso, à medida que a induz para uma compreensão particular dos acontecimentos.

O quadro de notícias é construído e incorporado a partir de palavras-chaves, metáforas, conceitos, símbolos, e imagens visuais enfatizadas na narrativa jornalística. Ao provar, repetir e, desse modo, reforçar palavras e imagens visuais que fazem referência a algumas ideias, mas não a outras, os quadros trabalham para tornar algumas ideias mais salientes no texto, outras menos, e então, outras inteiramente invisíveis (ENTMAN, 1991, p. 7).

Entman torna-se basilar para a compreensão dos acontecimentos narrados pelo que conhecemos como Jornalismo Político, uma das editorias pilares do jornalismo moderno. Isso porque, para o autor, o processo de enquadramento das notícias que relatam os fatos dessa arena é construído em cascata e tem participação nivelada de diversos atores, tanto do governo como das elites financeira e de informação, para sua construção.

Nesse sentido, compreende-se que as organizações midiáticas moldam seus relatos noticiosos para alcançar reações favoráveis da audiência e “antecipar reações do público que também afetem as retóricas e ações das elites políticas, que são os primeiros “patrocinadores” dos enquadres nas notícias” (ENTMAN, 1991).

Num estudo sobre a cobertura política do ataque ao World Trade Center, em Nova Iorque, em setembro de 2001, Entman (2004) propõe que a compreensão da audiência sobre esse caso, bem como seus desdobramentos aconteceram, da administração do governo americano (Casa Branca), como fornecedor primário das informações, em seguida para os membros do parlamento; em seguida para as elites legislativas (membros do Congresso, oficiais e especialistas), depois para a mídia e os jornalistas, que elaboraram o esquema de enquadramento das imagens e palavras que seriam utilizadas para narrar os fatos, até chegar ao público consumidor de informações. Ou seja, em cada um desses níveis, diferentes agentes políticos contribuem com informações, ou indicam pequenos enquadres para que sejam ativados na audiência pensamentos e sentimentos que darão suporte aos enquadramentos nas notícias e, conseqüentemente, na forma como o público se posicionará em relação a determinado tema político.

De acordo com o autor, “o caminho do enquadramento das notícias ajuda a estabelecer interpretações literais do ‘senso comum’ dos eventos” (ENTMAN, 1991, p. 6 - tradução das autoras), bem como a situar uma espécie de “domínio discursivo”, ou seja, “uma série de aglomerados de ideias associadas que formam uma maneira de raciocinar sobre uma questão que é familiar para audiência a partir de outras experiências culturais” (op. cit., p. 11).

Além da escolha de palavras e imagens para moldar a forma como a audiência compreende e reage aos eventos políticos em cobertura, a seleção dos atores que ganham espaço nas notícias como fontes também obedecem a um esquema de enquadramento. Na compreensão do jornalismo como instituição política, esses agentes ganham relevância no debate público à medida que lhes é outorgada essa posição no processo de apuração jornalística (COOK, 2011).

A eleição da fonte noticiosa pode revelar sua influência em relação à construção do enquadramento na notícia. É da prática jornalística confiar nas informações oficiais e resistir a “desafiar abertamente” o que vem daí. Entretanto,

esta estratégia pode ser considerada como uma forma de traçar uma retórica que atende tanto os interesses dos veículos de mídia, quanto das elites do poder econômico, político e/ou informacional (ENTMAN, 1991).

Escolhemos esta metodologia para identificar os personagens das notícias que foram manchetes da editoria especial Eleições 2018 do jornal Estado de São Paulo, bem como indicar por meio disso, se a cobertura do noticiário beneficiou, com visibilidade, algum dos campos políticos que estavam em disputa presidencial. Elencamos como *corpus* as 96 edições publicadas entre 4 de agosto e 28 de outubro de 2018, nos dois turnos das Eleições 2018. Analisamos a incidência dos candidatos à presidência do país nas manchetes da cobertura e verificamos os primeiros personagens que aparecem nos textos, seguindo a lógica de Entman, de que as fontes e personagens destacados ajudam a contar o fato político (1991).

Em oito primeiras capas, o Estadão traz até três chamadas de capa para notícias sobre as eleições para presidência do país (Imagem 1). Quando com o mesmo tamanho no título e linhas no texto de apoio, todas as chamadas foram incluídas nas análises.

Imagem 1: Capa do Jornal Estado de São Paulo de 14 de setembro de 2018



Fonte: O Estado de S. Paulo

A seguir, apresentamos os resultados da investigação quanti-qualitativa, com a análise das referências totais aos candidatos à presidência na cobertura do Estado de São Paulo, o número de vezes em que foram mencionados na matéria bem como quando apareceram como fontes; quais são as outras fontes utilizadas e com que frequência foram citadas; o tipo de manchete dedicada para a cobertura da corrida presidencial e a incidência dos candidatos por tipo de manchete.

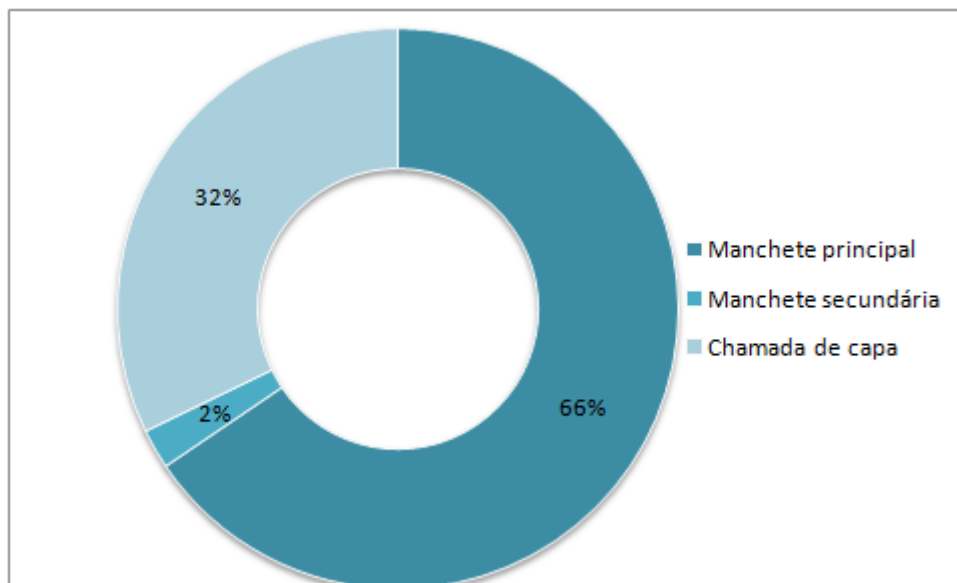
4 Os atores políticos na cobertura do Estadão

A imprensa tradicional seguiu responsável por realizar, além da cobertura regular dos fatos no período eleitoral, a consolidação em seus noticiários dos discursos dos candidatos, proferidos em canais próprios nas redes sociais digitais, produzindo assim as narrativas sobre o cenário político brasileiro, destacando os conflitos presentes nas notícias sobre a arena política é parte das relações do campo e estimulado pelas desigualdades e assimetrias naturais entre os atores políticos (MOTA; GUAZINA, 2010).

Entendemos que a narrativa jornalística aproveita esse ambiente para criar uma “retórica dramatizada como na dramaturgia e na literatura” (p. 133), onde os conflitos são transferidos para a notícia como “enquadramento cognitivo utilizado para organizar as atividades dos atores políticos, definir as situações e demarcar os acontecimentos” (op. cit, p. 135).

Foram selecionadas previamente, 96 capas do jornal Estado de São Paulo, publicadas no período entre 4 de agosto e 28 de outubro de 2018. Foram excluídas da amostra duas edições às quais não tivemos acesso. Seis edições não continham manchetes, chamadas de capa ou destaques dedicadas a cobertura da corrida presidencial. Desta forma, nesta pesquisa analisamos 88 notícias. Aqui, consideramos somente os textos cujo gênero eram notícias. Entrevistas concedidas ao Estadão ou a emissoras de rádio, por exemplo, foram descartadas.

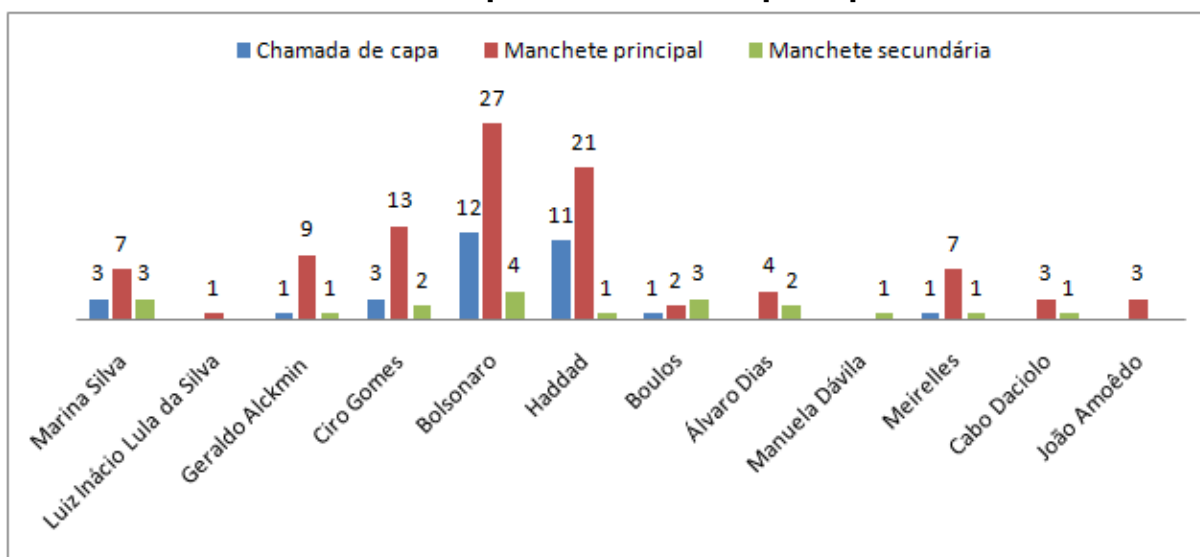
A partir da análise constatou-se o predomínio das manchetes principais, seguidas das chamadas de capa e só então das manchetes secundárias, como demonstra o gráfico a seguir.

Gráfico 1. Tipo de manchete

Fonte: elaboração das autoras

Entre as 87 manchetes analisadas, 57 configuraram-se como manchetes principais, alcançando 66% dos destaques totais identificados. O candidato Jair Bolsonaro (PSL) apareceu em 48 delas, seguido de Fernando Haddad (PT) com 37, tendo, portanto, 11 aparições a menos.

O artigo 45 da Lei Eleitoral (9504/97) estabelece que, a partir de 1º de agosto do ano que se realiza o pleito, é vedado aos veículos de rádio e televisão o “tratamento privilegiado a candidato, partido ou coligação” seja na programação normal ou em noticiários. As regras se estendem à mídia impressa, mas são diferentes tanto em casos de propaganda nesses veículos, como para impulsionamento de conteúdo em redes sociais digitais.

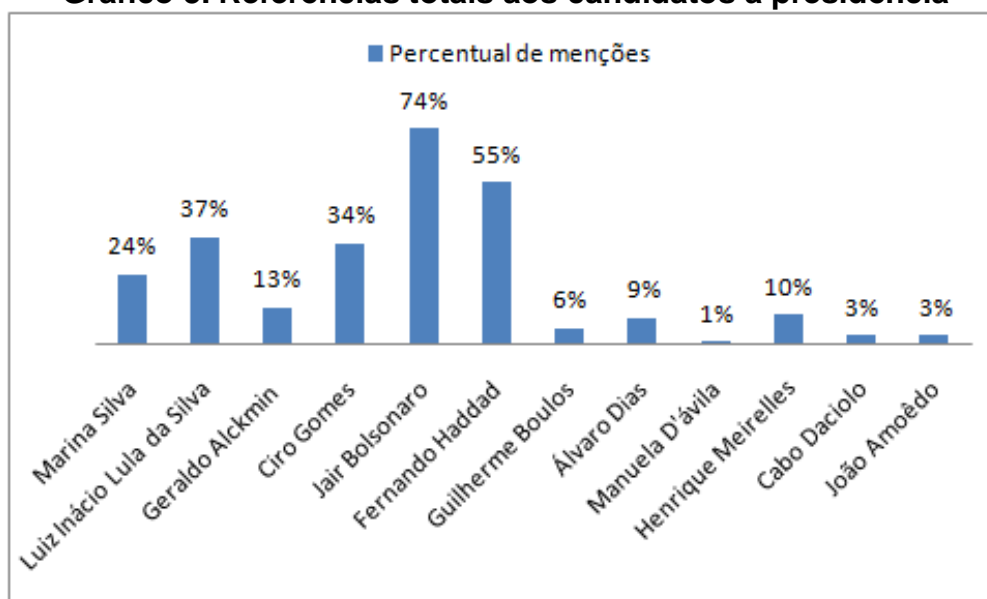
Gráfico 2. Candidato e posicionamento por tipo de manchete


Do total de notícias analisadas, 80 compõem a editoria de Política, com chapéu Eleições 2018 e outras oito estão na editoria de Economia, todas como manchete principal, que ficaram mais frequentes no segundo turno, são seis num total de 25 primeiras capas. Nesse caso, além dos presidentiáveis, são fontes economistas e representantes de organismos públicos como o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), bem como de entidades financeiras privadas. As notícias trazem avaliações sobre os impactos das pesquisas de intenção de voto e dos planos de governo dos candidatos sobre as oscilações da Bolsa de Valores e do valor do Dólar estadunidense frente ao Real.

O uso de pesquisas de opinião, que mobilizam as vozes populares e legitimam as análises críticas políticas dos jornalistas, sustentam as narrativas das notícias políticas, com impacto potencial para orientar a escolha das fontes, uma vez que notícias que com o enredo e conflitos comuns da disputa eleitoral tendem a chamar mais atenção da audiência (NEVEU, 2004, p. 32).

A investigação da cobertura do Estadão para as Eleições de 2018 identificou todas as pessoas selecionadas para contar os fatos, com destaque para a incidência dos presidentiáveis como personagens (quando apenas citados nas notícias) e fontes das notícias em análise (Gráfico 3).

Gráfico 3. Referências totais aos candidatos à presidência

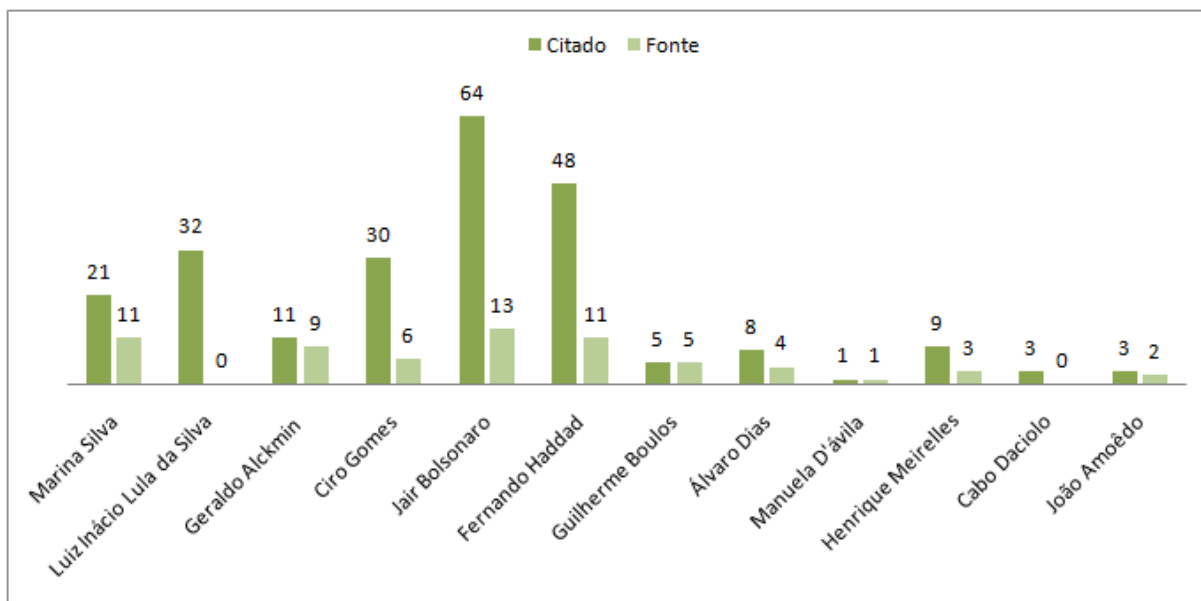


Fonte: elaboração das autoras

O candidato mais referenciado pelo O Estado de S. Paulo foi Jair Bolsonaro (PSL) com 74% das notícias citando-o de alguma maneira. Em seguida esteve Fernando Haddad (PT), presente em 55%. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi citado em 37% das notícias, mais do que o terceiro colocado no primeiro turno do pleito, Ciro Gomes (PDT), que alcançou a marca dos 34%. Entretanto, se somadas as incidências dos dois presidenciáveis do PT, Haddad e Lula, foram citados em 92% das notícias.

Lula teve sua candidatura impugnada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em concordância com a Lei da Ficha Limpa, em 2 de setembro de 2018. O ex-presidente foi condenado e preso, em abril de 2018, quando iniciava a campanha para presidência, como resultado das investigações da Operação Lava Jato que o acusam de corrupção e peculato durante seus mandatos presidenciais.

Um recorte mais aprofundado desses dados demonstra que os presidenciáveis ora apareciam como personagens das notícias, contextualizando os fatos narrados, ora como fontes diretas do noticiário ou de declarações publicadas em posts e vídeos em suas páginas pessoais de redes sociais, que se configurou como o principal espaço de divulgação das ações de campanha nas Eleições de 2018. Pode-se perceber a relação entre quantidade de menções e de vezes em que os candidatos foram fontes no Gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4. Total de notícias em que os candidatos são citados e são fontes*


Fonte: elaboração das autoras |

* No Gráfico 4. conta-se as notícias em que cada candidato apareceu como fonte. Não considera-se as repetições dentro de uma mesma notícia.

Biroli (2010) destaca como um dos aspectos da “política noticiada”, a concentração de “poucos atores em detrimento de outros”. O papel político da mídia está em aumentar o alcance dos que já são politicamente poderosos (COOK, 2011). Percebe-se, portanto, que a escolha dos personagens nas notícias sobre a disputa pela presidência do Brasil em 2018 obedece à influência que os candidatos exerciam nos eleitores, o que é conferido a partir das pesquisas de opinião. A ação política dos repórteres está em destacar os elementos potenciais de um acontecimento e certificam autoridades, quando as escolhem como suas fontes.

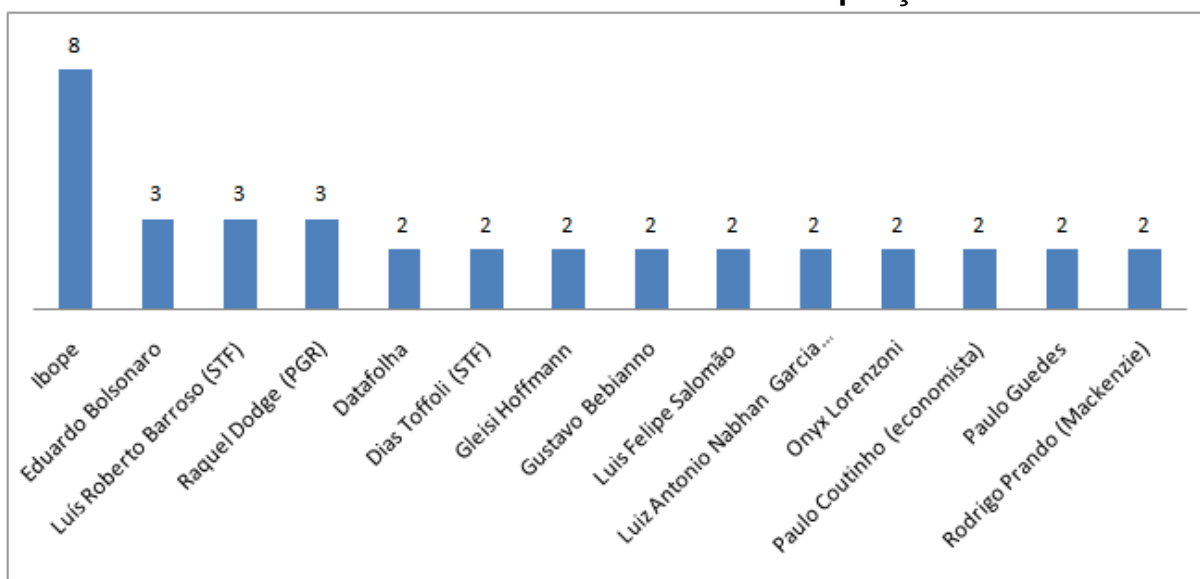
Compreendemos, portanto, que dado o caráter situacional da cobertura de Eleições, a seletividade de atores não necessariamente indica que o veículo de seja tendencioso, mas chama para a necessidade de distinguir os diferentes tipos de vieses presentes nas notícias política (COOK, 2011, p. 207).

Nesse sentido, cabe salientar que o então presidenciável, Jair Bolsonaro (PSL), após o atentado de 6 de setembro de 2018, mantém-se em destaque entre as menções a personagens e inserção como fonte, pois a liderança nas pesquisas de intenções de voto fez com que, mesmo ausente de debates e falas públicas, a cobertura fosse realizada com base em informações publicadas nas redes sociais,

do candidato e dos filhos Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro, inclusive durante a internação médica do então deputado federal pelo Rio de Janeiro.

A investigação dá conta que, além dos presidenciáveis, outras 81 pessoas ou instituições apareceram como fontes (Gráfico 5) por mais de uma vez¹.

Gráfico 5. Fontes com mais de duas repetições



Fonte: elaboração das autoras

As notícias analisadas demonstraram ampla utilização de menções em detrimento de uma variação de fontes. Verificamos que nos 88 textos aparecem 81 fontes. Obviamente, algumas delas se repetem nas notícias, como foi o caso dos presidenciáveis (Gráfico 4) e de outras 14 fontes, sendo quatro delas reconhecidamente ligadas à Jair Bolsonaro, a citar: Paulo Guedes; Eduardo Bolsonaro; Gustavo Bebbiano e Onyx Lorenzoni, configurando um total de quatro fontes alinhadas ao candidato e que se repetiram. Além disso, apareceram os representantes do poder judiciário: TSE; os ministros do Supremo Tribunal Federal Dias Toffoli e Eduardo Barroso; e a Procuradora Geral da República, Raquel Dodge (Gráfico 5.). Associada ao PT, Gleisi Hoffman, por duas vezes. O problema remanescente se mostra, portanto, no que diz respeito à ausência de pluralidade de fontes e em seu equilíbrio uma vez que as fontes relacionadas a Bolsonaro foram repetidas por mais vezes, a exemplo de Eduardo Bolsonaro que aparece como fonte

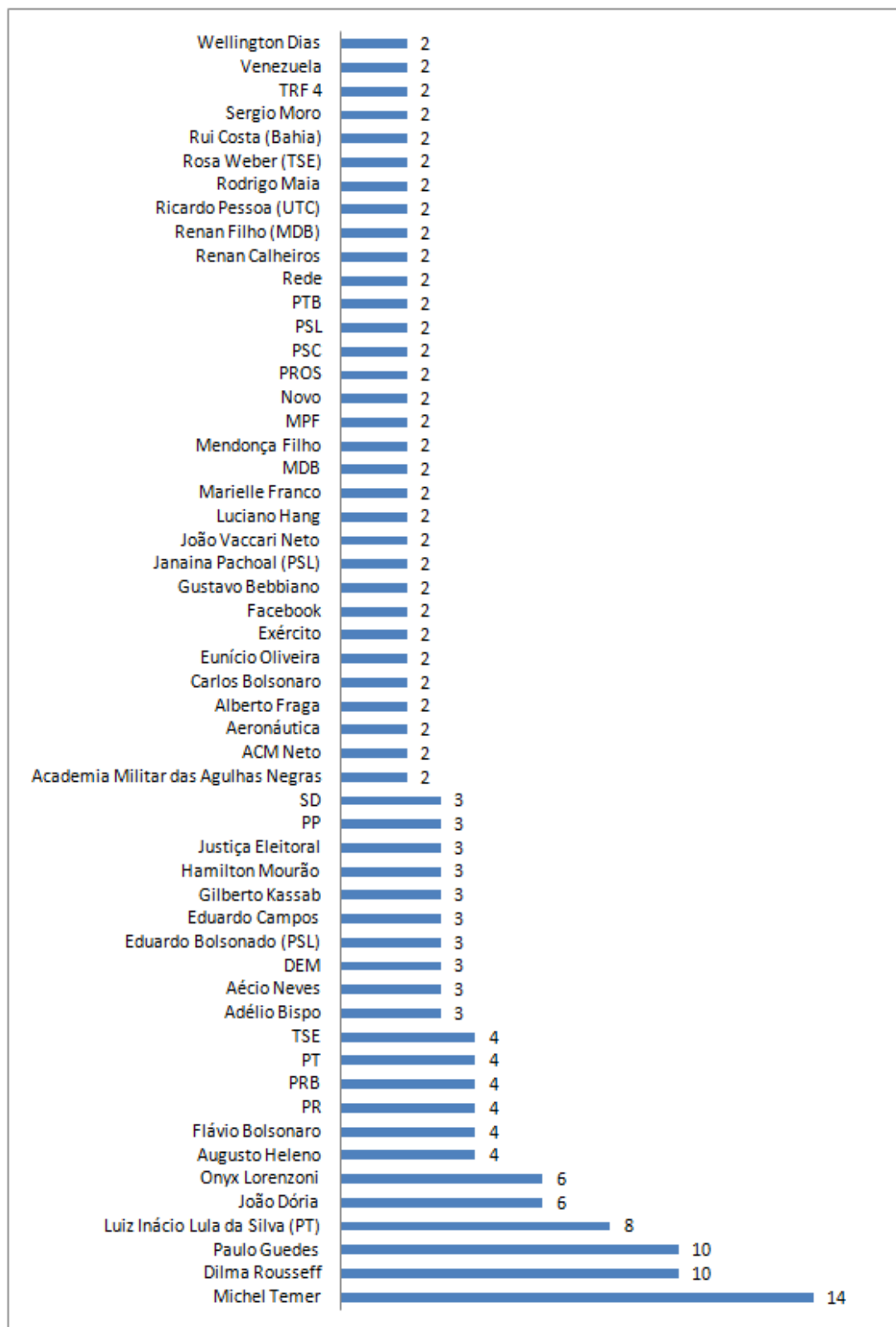
¹ Excluímos do gráfico as fontes que aparecem uma única vez, priorizando as fontes repetidas, que permitem visualizar o enquadramento adotado, conforme objetiva o artigo.

por três vezes, como demonstra o Gráfico 5. No quadro a seguir é possível verificar as demais fontes que apareceram uma única vez durante o período analisado.

Quadro 1. Fontes utilizadas uma única vez

Carlos Manhanelli; FMI; **ACM Neto**; Adélio Bispo; **Alexandre de Moraes (STF)**; Ana Cristina Valle; **Assessoria de Dória**; Cabo Fábio; **Carlos Alexandre Costa (BNDES)**; Carlos Bastide Horbach; **Carlos Luppi (PDT)**; Carlos Melo (Insper); Carlos Siqueira; **Carlos José Martins (Cbic)**; Cleber Carillo (USP); **Código Eleitoral**; Coronel Telhada (PP); **Edson Fachin (STF)**; Eduardo Jorge (PV) **Eugênio Aragão (advogado PT)**; Facebook; **Félix Mendonça Jr**; Flávio Bolsonaro; **Francisco Shintate (TRE/SP)**; Gleide Andrade; **Guilherme de Mello (economista)**; Hamilton Mourão; **Hélio Silveira (especialista em direito eleitoral)**; Hideaki Iha (Fair Corretora); **Humberto Dantas (USP)**; IBGE; **Joice Hasselmann**; Jornal da Record; **José Álvaro Moisés (Cientista Político)**; José Ronaldo de Castro Souza Júnio (IPEA); **Juíz anônimo**; Juliano Medeiros; **Karina Kufa (advogada campanha Bolsonaro)**; Kátia Abreu; **Klaus Spielkamp (Bulltick em Miami)**; Lauro Álvares de Andrade (cidadão); **Luiz Fernando Casagrande Pereira**; Major Olímpio; **Márcia Cavallari (IBOPE)** Márcio França; **Marco Aurélio Melo (STF)**; Marco Feliciano (Podemos); **Marina Cavallari (IBOPE)** Maurício Rands; **Max (militante pró Bolsonaro e Dória)**; MPF; **Oswaldo Amaral (Cientista político - UNICAMP)**; PCdoB; **PGR**; Prefeitura de SP; **Reginaldo Lopes (PT)**; Ricardo Lewandowski (STF); **Ronaldo Caiado (DEM)**; Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal; **Sérgio Banhos**; Sérgio Gobetti (IPEA); **Valdir Barranco (PT)**; Vera Chaia (USP); **Victor Candido (Guide Investimentos)**; Vitor Oliveira; **Vox Populi**; Wilson Tafner (promotor);

Ao todo, 176 personagens (pessoas e instituições públicas e privadas) foram citados nas notícias em análise, além dos candidatos e veículos de mídia. Destes, 112 apareceram uma única vez. As demais 54 tiveram repetições, conforme exposto no Gráfico 6 a seguir:

Gráfico 6. Personagens com mais de duas repetições

Fonte: elaboração das autoras

As menções às personagens e escolha de fontes que não concorrem ao pleito, mas contextualizam principalmente a crise política que o país atravessa desde as Eleições de 2014 pode ser explicada por seu potencial de desencadear idéias, conceitos e sentimentos já presentes no imaginário da audiência. Entman, ancorado nas proposições de Lodge e Stroh (1993), explica que esse processo trata-se de *spreading activation* e papel importante no enquadramento noticioso em cascata, pois “reativa na audiência sentimentos negativos e trazem para mente consciente ou inconscientemente, memórias” que podem orientar sua posição com relação ao fato noticiado (ENTMAN, 2004, p. 8).

Das 54 repetições, 12 personagens diretamente relacionados ao candidato Jair Bolsonaro aparecem, a citar: Luciano Hang (dono da rede de lojas de departamento Havan) (2); Janaina Paschoal (2); Gustavo Bebbiano (2); Carlos Bolsonaro (3); Alberto Fraga (2); Academia Militar das Agulhas Negras (2); Hamilton Mourão (3); Eduardo Bolsonaro (3); Adélio Bispo (3); Augusto Heleno (4); Onyx Lorenzoni (6); Paulo Guedes (10). Nesse caso não contabilizamos os partidos e outros candidatos, a exemplo de João Dória, que apoiaram Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições.

Em relação ao principal adversário de Bolsonaro, Fernando Haddad, apareceram Luiz Inácio Lula da Silva (8) e Dilma Rousseff (10) como personagens. Os demais personagens envolvem partidos, autoridades da justiça comum e eleitoral, bem como deputados, como demonstra o Gráfico 6. Os demais personagens citados uma única vez podem ser conferidos no quadro abaixo:

Quadro 2. Demais personagens citados nas notícias

| |
|---|
| <p>Alberto Youseff (doleiro); Abraham Weintraub (economista); Admar Gonzaga (ministro do TSE); Alan Rodrigues de Oliveira (policia); Aléssio Ribeiro Souto (policia); Alex Rodrigues de Oliveira (policia); Alexandre Frota (PSL); Alexandre Inagaki (jornalista); Ana Amélia (PP); Andrade Gutierrez (empresário); Queiroz Galvão (empresa); Antônio Anastasia (PSDB); Antonio Carlos Egito do Amaral; Antônio Carlos Moretti Bermudez; Antonio Luiz de Vasconcellos Macedo (médico); Arthur Weintraub (advogado); Belivaldo Chagas (PSD); Bia Kicis (PSL); Braga Grillo (advogado); Bruno Covas (PSDB); Camilo Santana (PT); Carlos Alberto Neiva Barcellos; Carlos Heinze (PP); Cássio Cunha Lima (PSDB); Celso de Mello (ministro do STF); CGGM; Cid Gomes (PDT); Ciro Nogueira (PP); CNA; Corte Eleitoral; Cristiano Morona (advogado); João Dória (PSDB); Cuba; Dias Tóffoli (ministro do STF); Dilma Rousseff (PT); Edson Leal Pujol; Eduardo Centola (Banco Modal); Eduardo Leal Ferreira; Eduardo Moreira (PSDB); Eduardo Suplicy (PT); Eliane Aquino (PT); Emídio Souza (tesoureiro PT); Enéas</p> |
|---|

Carneiro; **Ernani Fernandes Barbosa Neto (Novo Brasil Digitais)**; José Maria Eymael (DC); **Fátima Bezerra (PT)**; Fernando Henrique Cardoso (PSDB); Fernando Pimentel (PT); **Ferreira Ribeiro Souto; Flávio Dino (PCdoB)**; Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA); **Oswaldo Ferreira**; Iluques Barbosa Júnior; **João Amoedo (NOVO)**; João Goulart Filho; **João Henrique Worn (taxista)**; Joaquim Barbosa (ex-ministro do STF); **Jorge Mussi**; José Filipi Jr; **José Pimentel**; José Rocha; **Julian Lemos (PSL)**; Justiça Federal do Paraná; Kátia Abreu (**sem partido**); Kim Kataguirí (DEM/MBL); **Liseo Zampronio**; Luciana Santos (PcdoB); Luciano Bivar; Luis Eduardo Greenhalgh (advogado PT); Luis Roberto Barroso (TSE); **Luiz Inácio Lula da Silva**; Lula Guimarães (Marketeiro); **Magno Malta (PR)**; Major Olímpio (PSL); **Manuela D'Ávila (PCdoB)**; Marcelo Vitorino (novo social media); **Márcio França (NOVO)**; Marcos Antônio Amaro dos Santos; **Marcus Alexandre (Acre)**; Maria do Rosário (PT); **Marília Mendonça (cantora)**; Marinha do Brasil; **Mario Covas**; Mauro César Lourena Cid; **Nilson Leitão (PSDB)**; OAS; Odebrecht; **Oswaldo Ferreira**; Patriota.

5 Considerações finais

Este artigo se propôs a verificar, por meio da teoria do enquadramento, como os atores políticos apareceram na cobertura do processo eleitoral realizada pelo jornal O Estado de S. Paulo. A partir da seleção das manchetes e classificação dos personagens algumas conclusões foram possíveis, como mostramos abaixo, enquanto outros questionamentos ficaram em aberto, especialmente o que diz respeito aos conteúdos destacados das falas de cada fonte, que merece atenção de pesquisas futuras para compreender de forma mais aprofundadas outras camadas do enquadramento.

Verificamos que o candidato Jair Bolsonaro foi o personagem e também a fonte mais mencionada nas notícias relativas às Eleições 2018. Como personagem, Bolsonaro apareceu em 67 notícias, das quais em 13 como fonte. Além disso, das outras 81 fontes relacionadas ao período, 14 se repetiram em mais de uma notícias e destas, quatro estão relacionadas à Jair Bolsonaro e uma a Fernando Haddad. Os personagens ligados à Bolsonaro também se repetiram por mais vezes, marcando presença em até 10 notícias, como foi o caso de Paulo Guedes. Se a regra eleitoral de equidade na divulgação de candidatos no período eleitoral fosse seguida à risca, O Estado de S. Paulo teria problemas legais.

A ampla aglomeração de personagens em torno de Jair Bolsonaro também ajuda a enquadrar a percepção de que há um isolamento de Fernando Haddad, uma vez que fontes e personagens ligados à ele aparecem em menor quantidade e

possuem um viés negativo indiretamente associado, Lula por estar preso e Dilma por ter sofrido o impeachment sob a pecha de ser dura e boatos nunca confirmados de envolvimento com corrupção. Enquanto os personagens de Bolsonaro compõem sua equipe de governo, em sua maioria, os de Haddad soam como obstáculos.

Cabe destacar ainda o viés econômico das pautas no segundo turno (relembrar quantas foram da editoria de economia), que também auxiliaram na valorização de alguns personagens, como foi o caso de Paulo Guedes, na época cotado para ser ministro da Economia de Bolsonaro. Diante do cenário de crise econômica, esse enquadramento da pauta adotado pelo jornal também atua indiretamente para reforçar a ideia de um projeto de governo preocupado com a economia.

Referências

ALVES, M. Agentes de campanha não-oficial: A Rede Antipetista na eleição de 2014. *Revista Fronteiras*, vol.19, n 1, 102 – 103. Janeiro/abril, 2017.

BRASIL. Lei n. 9504, de 30 de setembro de 1997. **TSE normas para emissoras de rádio e televisão durante o ano de eleições**. Brasília, DF, setembro de 1997.

COOK, T. – “O jornalismo político”. **Revista Brasileira de Ciência Política**, no. 6, 2011.

ENTMAN, Robert M. *Projections of Power: Framing News, Public Opinion, and U.S. Foreign Policy*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

_____. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43 (4), p. 51-58, Autumn 1993.

_____. Framing U.S. Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. *Journal of Communication*, 41(4), 6–27, 1991.

JÚNIOR, J. F., & SASSARA, L. d. O. (2016). CORRUPÇÃO, ESCANDALOS E A COBERTURA MÍDIÁTICA DA POLÍTICA. *Novos Estudos*, (105), 205-225. Retrieved from <https://search.proquest.com/docview/1917647181?accountid=26646>.

MENDONÇA, R. F. Dimensões Democráticas das Jornadas de Junho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 33, n. 98, p. 1-23, 2018.

MOTTA, L.G.; GUAZINA, L. O conflito como categoria estruturante da narrativa política: o caso do Jornal Nacional. *Brazilian Journalism Research*. v. 6, n. 1, Brasília: 2010.

KUHN, R. and NEVEU, E. (eds), *Political Journalism: New challenges, new practices*, London: Routledge, 2004.

PRIOR, H. O escândalo político como experiência narrativa. *Brazilian Journalism Research*, v. 11, n. 2, 2015, p. 100-119.

SILVA, Terezinha. Acontecimento e problemas públicos: elementos para uma crítica da cobertura jornalística. *Rumores*, v. 12, n. 23, p. 83-105, 2018.

SOARES, M. C. Análise de enquadramento. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

TATAGIBA, L. Os protestos e a crise brasileira: um inventário inicial das direitas em movimento (2011-2016). IN ALMEIDA, R. e TONIOL, R. (Orgs.) *Conservadorismo, Fascismos e Fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas, Unicamp, 2018.